

A Biblioteca dos Ecos

Valentina Silva Ferreira

Escritora, ativista feminina



Entidade promotora:



Financiamento



Os Fundos Europeus mais próximos de si.

No alto de uma colina coberta de verde erguia-se a Escola Mais Alta do Mundo. Lá em cima, os ecos viajavam soltos, traziam nas costas as vozes de crianças, professores e gatos sonolentos. Se não fosse o lugar onde se escondia, seria apenas uma escola como tantas: paredes com tinta a descascar, campainha com som de panela velha, cadeiras bambas, funcionários com olheiras e sonhos.

Mas por dentro...

Ah! Por dentro tudo mudava.

Os corredores rangiam mesmo que ninguém caminhasse sobre eles. As janelas batiam, desobedientes, sem que soprasse uma única brisa. E os livros apareciam nas mochilas sem que os vissem entrar.

No alto de uma colina coberta de verde erguia-se a Escola Mais Alta do Mundo. Lá em cima, os ecos viajavam soltos, traziam nas costas as vozes de crianças, professores e gatos sonolentos. Se não fosse o lugar onde se escondia, seria apenas uma escola como tantas: paredes com tinta a descascar, campainha com som de panela velha, cadeiras bambas, funcionários com olheiras e sonhos.

Mas por dentro...

Ah! Por dentro tudo mudava.

Os corredores rangiam mesmo que ninguém caminhasse sobre eles. As janelas batiam, desobedientes, sem que soprasse uma única brisa. E os livros apareciam nas mochilas sem que os vissem entrar.

Todos os anos, no dia em que a escola fazia anos, realizava-se um sorteio. Era nesse momento que surgiam os nomes dos cinco escolhidos. E, naquele ano, as chaves calharam a Lea, Duarte, André, Numak e Pipa.

Lea encontrou a chave no bolso do casaco. Friozinho no peito e mãos escondidas nos bolsos, como sempre. Era tímida, doce e vivia ao ritmo da curiosidade. Quando sentiu o toque da madeira, fechou os olhos e sorriu devagar. André, que adorava passeios pela natureza, viu a chave pousada num rochedo, rodeada por uma colónia de joaninhas que parecia guardá-la.

Aproximou-se com cuidado, como quem se aproxima de um enigma. A de Numak, um génio da informática vindo da Palestina, apareceu embrulhada num guardanapo dentro da lancheira. Olhou-a, expectante, como quem descobre uma pista escondida num código.

Duarte deu com a chave dentro de um livro da biblioteca, o próximo que escolhera para ler. Era o mais apaixonado pela lenda e, talvez por isso, os livros o escolhessem de volta. Por fim, Pipa. Rica, ativa e impaciente, recebeu a chave diretamente das mãos da diretora. Ninguém percebeu como ou porquê. Era a primeira vez que acontecia. Mas ela ergueu o queixo e sorriu, como quem recebe uma coroa.

Nos dias seguintes, cruzavam-se por acaso. Na cantina, no recreio, à saída das aulas. Sempre que os cinco se sentavam à mesma mesa, com os tabuleiros ainda cheios, as chaves vibravam. Tremiam, leves, como se sentissem que algo se aproximava.

Foi Duarte quem quebrou o silêncio, num desses almoços entre garfadas e migalhas de pão:

— E se tentássemos encontrar as portas da Biblioteca? Pode ser que elas só se revelem se cooperarmos...

— Se fizermos o quê?! — questionou Pipa, a limar uma unha com ar entediado.

— Cooperarmos — apressou-se a explicar Lea, que andava sempre com um dicionário no bolso da mochila, à caça de palavras novas. — Ajudarmo-nos uns aos outros.

— Então... e se procurássemos as portas? — repetiu André, mais entusiasmado.

E assim começaram. Reviraram a escola de fio a pavio: por detrás de armários, debaixo de escadas, nos cantos poeirentos da sala de arrumos. Vasculharam salas, corredores e até os cacifos vazios do piso de cima. Cansados de nada encontrar, fizeram uma última tentativa: a sala de Música.

E foi lá, sob um armário carregado de partituras soltas, que viram uma frase inscrita na parede. Os cinco juntaram-se, lado a lado, sem combinar quem falaria. Como se fossem um só coro, disseram juntos:

— O saber é um eco. Só responde quando vozes se unem.

As chaves brilharam.

A parede estremeceu.

Diante deles, uma porta revelou-se.

Alta, arqueada, sem maçaneta, com cinco reentrâncias em forma de chave no centro.

— Olhem! Só abre se colocarmos as cinco — murmurou Numak, maravilhado.

Com as mãos trémulas, encaixaram-nas, uma a uma.

Um clique,
depois outro,
mais um,
e outro.

Até que a quinta chave rodou com um som suave, como o início de uma canção.

A porta abriu-se com um sussurro antigo, como se acordasse de um sono longo.

Do outro lado, uma sala imensa estendia-se até perder de vista. Estantes flutuavam no ar, desafiando a gravidade e a razão. Os livros cochichavam entre si, em línguas esquecidas e vozes de papel. No centro, uma mesa de leitura redonda, banhada por uma luz prateada que parecia cair diretamente da lua. As crianças não disseram nada. Não precisaram. Os olhos mostravam espanto, encanto, magia. Mergulharam naquele mundo como quem mergulha num lago morno. Passaram horas ali. Leram histórias que ainda não tinham sido contadas. Descobriram finais alternativos para contos que julgavam conhecer. Falaram com personagens, folhearam o passado, espreitaram o futuro. E prometeram: haviam de voltar.

Mas nem sempre era fácil. Um dia, faltava um por estar de castigo. No outro, alguém ficava doente. Havia quem se esquecesse da chave, ou preferisse brincar, ou simplesmente se cansasse. E a Biblioteca, silenciosa, esperava. Esperava por todos. Porque as portas só se

abriam quando os cinco estavam juntos e dispostos a colaborar.

Foi então que Pipa se impacientou. Não estava habituada a depender. A esperar. A precisar. Estava habituada a ter e a ter sempre.

— Isto é absurdo! — exclamou, cruzando os braços. — Temos acesso à biblioteca mais espetacular do mundo e não podemos usá-la porque os outros se atrasam? Eu nem gosto deles. Não temos nada em comum.

André, que por acaso era seu primo, e Numak, que por vezes fazia os trabalhos dela em troca de proteção, escutaram em silêncio.

— E se entrássemos só os três? — insistiu.

— Mas... as portas só abrem com cinco — murmurou André, a olhar para o chão.

Fez-se um silêncio denso.

— A não ser que... — começou Numak, hesitante — as chaves estejam ligadas por algum tipo de código.

Talvez, se as outras desaparecerem, o sistema reconheça só as nossas...

Pipa sorriu. Aquele sorriso de quem tem um plano e já se vê a brilhar no centro dele.

— Então escondemos as outras. Longe. Para

que o sistema esqueça. Para que sejamos os únicos.

André hesitou. Sentia no corpo que aquilo não estava certo. Mas Pipa era persuasiva. E o seu desejo de poder parecia maior do que a própria escola.

Naquela tarde, enquanto Lea e Duarte estavam no treino de basquetebol, Pipa entrou no clube de leitura, onde ambos guardavam as chaves. Pegou nelas com mãos seguras e coração acelerado. Depois, convenceu André a levá-las para o ponto mais longínquo das suas caminhadas.

Na manhã seguinte, duas chaves tinham desaparecido. E com elas, as portas. A passagem na sala de Música já não estava lá. A madeira voltou a ser madeira. As outras portas que, entretanto, havia encontrado (uma atrás do quadro de honra, outra na sala de informática) ausentaram-se.

As paredes ficaram lisas, como se nunca tivessem guardado segredos.

As três chaves que restavam perderam o brilho.

O grupo reuniu-se. Em silêncio. Foi André quem falou:

— Fomos nós — disse, a voz baixa, mas firme.
— A Pipa achava que as portas abririam com três... se as outras chaves desaparecessem.

— Foi para proteger o que é valioso! — defendeu-se Pipa. — Não é justo depender sempre dos outros.

Lea respirou fundo. As palavras pesavam, mas ela encontrou o tom certo:

— Não se trata de justiça individual. Trata-se de confiança. O saber não se protege com fechaduras. Protege-se com partilha.

Houve quem se calasse. Houve quem chorasse. Houve quem dissesse que era melhor desistir. Mas Duarte, sempre com um livro debaixo do braço, teve uma ideia:

— E se... as portas não tivessem desaparecido? E se tivessem mudado de lugar? Para dentro de nós?

A pergunta de Duarte ficou a pairar, como uma folha que não decide onde pousar.

E, estranhamente, começou a fazer sentido. Foi, então, que repararam nos pequenos sinais.

Quando Duarte ajudou Numak a traduzir um poema antigo, a sua chave brilhou, só por um instante.

Quando Pipa, depois de muito insistir André, decidiu devolver as chaves escondidas, a de Lea emitiu um som suave, como o tilintar de um sino distante. Quando os cinco passaram uma tarde inteira a catalogar os livros da biblioteca real da escola, as cinco chaves reagiram: tremeram levemente e aqueceram nas mãos. Cada gesto de cooperação, cada escolha feita em conjunto, parecia reativar algo da antiga magia. Não era imediato. Não era espetacular. Mas era real.

Até que, numa manhã nublada, algo aconteceu. No pátio central da escola, uma nova porta surgiu. Não se escondeu atrás de armários, nem precisou de pistas ou códigos. Estava ali. Alta. Luminosa. Gravada com os símbolos das cinco chaves reunidas. No centro, uma inscrição: "Quando a sabedoria for desejo de todos, abrir-se-á sem medo."

Dessa vez, não houve hesitação. Cada um retirou a sua chave e colocaram-nas nas reentrâncias. As chaves rodaram como se soubessem o caminho. A porta abriu-se. Lá dentro, a Biblioteca dos Ecos estava ainda mais vasta do que antes. Tinha corredores novos, escadas que se desenrolavam como pergaminhos e janelas que mostravam paisagens de outros mundos.

Mas o que mais os emocionou foi um novo setor. Um setor inteiro de estantes vazias. Em cada prateleira, uma pequena etiqueta: "Histórias ainda por escrever."

— Talvez sejam as nossas — sussurrou Lea, com os olhos a brilhar.

Na semana seguinte, a diretora da escola fez um anúncio:

— A partir de hoje, existe um novo clube: o Círculo das Chaves. Aberto a todos. Cada novo membro receberá uma réplica simbólica de uma chave. Não para abrir portas físicas, mas para lembrar que o saber cresce quando todos participam.

A Biblioteca dos Ecos nunca mais desapareceu. Continuava a surgir e a transformar-se, conforme os alunos cresciam, erravam, ajudavam, recomeçavam. Mas as verdadeiras portas, diziam os ecos, nunca estiveram nas paredes.

Estavam nas escolhas de cada um.

A Biblioteca dos Ecos

Valentina Silva Ferreira
Escritora, ativista feminina